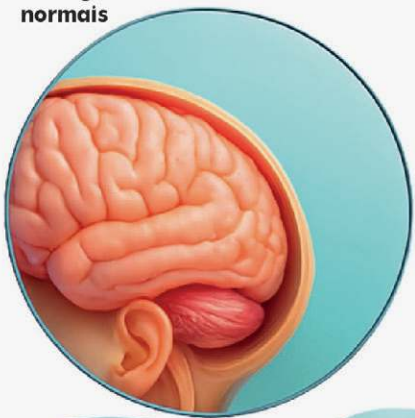


e pedem atenção

Meninges
normais



TRATAMENTO

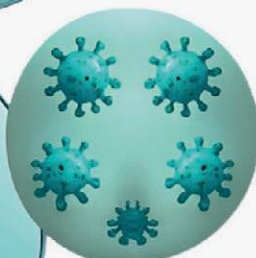
- Suporte médico de emergência
- Manejo de via aérea
- Oxigênio
- Hidratação intravenosa
- Controle de febre e convulsões
- Isolamento respiratório
- Antibióticos logo após a punção lombar

VACINAÇÃO

- A vacinação é uma medida preventiva crucial, e o Calendário Nacional de Vacinação do Sistema Único de Saúde (SUS) inclui doses para crianças em idades específicas, como aos 2, 4 e 6 meses, com reforços posteriores, para proteção contra tipos específicos de meningite bacteriana.

O Programa Nacional de Imunizações (PNI) inclui vacinas que ajudam a proteger contra vários agentes causadores da doença, como:

- BCG, aplicada ao nascer, que protege especialmente contra formas graves de tuberculose, incluindo a meningite tuberculosa
- Pentavalente, pneumocócica, meningocócica C e, em situações específicas, meningocócica ACWY, fundamentais para reduzir infecções bacterianas que podem causar meningite



Vírus

Meninges
infectadas

Palavra do especialista

O negacionismo vacinal cresceu após a pandemia? Qual é a importância da vacinação para prevenir doenças como a meningite?

Sim, houve um aumento, embora ainda seja um grupo minoritário. Antes da pandemia, o Brasil tinha mais pessoas hesitantes — que não entendiam a importância de vacinar — do que negacionistas de fato, cerca de 4%. Depois da pandemia, esse grupo cresceu um pouco e ficou mais ruidoso, impulsionado pela desinformação que circula rápido nas redes. Como imunologia é um tema complexo, muitos profissionais acabam divulgando informações erradas, o que confunde ainda mais a população. Por isso, reforçar informação correta é essencial, especialmente no caso da meningite. A vacinação é uma das principais formas de proteção, reduz a circulação da bactéria e evita casos graves. No meu consultório, vejo que a maioria das famílias entende essa importância, mantém o calendário em dia e tem orgulho de vacinar seus filhos.

Por que o perfil da doença meningocócica mudou nos últimos anos?

A pandemia alterou o comportamento de circulação do meningococo. Embora bebês continuem sendo os mais afetados, logo após a reabertura houve um aumento em adolescentes e jovens — algo visto principalmente na Europa, mas também de forma pontual no Brasil. Isso pode estar ligado ao comportamento dessa faixa etária, que compartilha objetos e convive muito próximo. Houve também mudança de sorogrupo predominante: antes era o C; no pós-pandemia, passou a ser o B. Uma possível explicação é que temos mais pessoas vacinadas contra o C. O retorno mais lento da circulação bacteriana ainda não tem causa totalmente definida.

Em que situações a doença leva à amputação de membros?

A amputação ocorre nos casos de sepse grave. Durante o choque séptico, o corpo reduz o fluxo sanguíneo para as extremidades para preservar órgãos vitais. As drogas vasoativas usadas para manter o paciente vivo — como adrenalina e noradrenalina — também diminuem a circulação periférica. Isso pode causar necrose. Dependendo da gravidade, o paciente pode perder apenas parte dos dedos ou, em casos extremos, precisar de amputações maiores. Esse processo pode acontecer em outras infecções graves, não só na meningocócica.

Marcos Gonçalves é pediatra e membro do Departamento de Alergia da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), alergologista, imunologista e membro do Departamento de Imunoterapia da Associação Brasileira de Alergia e Imunologia (ASBAI) e presidente da Sociedade Alagoana de Pediatria.